Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 797

20 DE FEVEREIRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

THOMAZ RIBEIRO

Nascido em 1 de julho de 1831 e fallecido em 6 do corrente

É com profunda saudade que falo de Thomaz Ribeiro. Cumpro um dever; e não faço seu elogio, escusado depois da commemoração sentida dos jornalistas e escriptores que me precederam.

Conheci o poeta; ouvi sua palavra encantada nas pugnas do parlamento e no convivio intimo. Li seus versos, a sua prosa, em que Thomaz Ribeiro nos descreve com palheta viva e córada os palmares do Oriente.

Ainda infante, vi-o arrebatar as assembleias dos homens novos, os do seu tempo, ao lado de Castilho, que o applaudia.

Era um formoso peninsular; feiticeiro de boa sombra, que a todos prendia pela composta figura, e mais pelos sentimentos generosos de seu nobre coração. Do coração viveu; e já o disseram, o coração o matou. Com os pobres se quiz ir d'este mundo, pois, quando se é grande do reino pelas honras e pelas lettras, vae-se n'um ataúde pobre, que, para um homem assim, só é solemne a mortalha inconsútil da gloria.

Elle veiu da geração romantica. E sabereis que no seculo XIX, que tambem já é morto, só foi grande o romantismo. Essa escola produziu livros immortaes; deu homens aos governos; deu homens ás embaixadas; deu homens ás revoluções, que, defendendo os direitos humanos, prepararam as instituições livres, que ora são as da Europa, que ora são as do mundo.

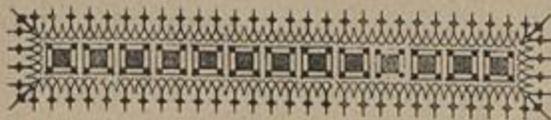
Disraeli foi um romancista e governou a Inglaterra e a India; Gladstone escreveu de *Homero e do cyclo homerico*, e governou a Grã-Bretanha e suas colonias; Chateaubriand, o primeiro lettrado da lingua franceza no ultimo seculo, governou a França; Emilio Castelar, o grande poeta da palavra escripta e falada, governou a Hespanha; e mais e melhor quando manejava a penna do escriptor, do que, quando nas eminencias do poder, tentava impôr sua vontade.

Todos elles foram romanticos, poetas do romantismo, soldados de uma causa — a do pensamento. Garrett, Herculano, Castilho, Latino Coelho, e tantos outros, foram dictadores; quando não exerciam a dictadura superior das idéas pela palavra e na tribuna, iam exercel-a nos livros; e sempre era a dictadura da persuasão.

Todos os homens de valor, que hoje vão desapparecendo, foram educados por estes combatentes; muitos foram seus camaradas nos prélios da politica, nas polemicas dos jornaes, nas orações tribunicias. Conheceram-nos e souberam, em preito sincero, dar-lhes o apreço condigno. É para os restantes, ainda vivos, que leram, viram e ouviram de perto a Thomaz Ribeiro, o ultimo d'essa constellação brilhante de talentos, que ora escrevo, continuando sua consagração publica.

Thomaz Ribeiro foi ministro da corôa e embaixador, escriptor de linguagem terça e poeta querido e popular. Honrou o parlamento portuguez, honrou as lettras, honrou a nação, que sempre lhe cobriu o caminho de palmas, e sabe de cór os seus versos.

Saudosas lembranças, bom romeiro!

Conde de Valenças.

CHRONICA OCCIDENTAL

Quarta feira de cinzas.

É possivel que o nome ainda seja triste; mas para muitos significa o voltar á vida tranquilla de todos os dias, com os seus cantinhos costumados, a sopa ás mesmas horas, o passeio depois da repartição, pelas ruas, livres emfim de tremoçadas, de cartuxos com gesso, de cornetadas, e com mulheres bonitas em vez de ché-chés nojentos.

Mais uma vez estrebuchou o velho entrudo. Na corcunda ficou-lhe a menos um bocado de estopa, na bocca a menos um dente podre. Acabou-se-lhe a graça como a um palhaço octogenario, coxo e rheumatico. Se vive, é de contar façanhas antigas.

Memento, homo, qui a pulvis es, disseram hoje os padres aos devotos, depois da missa. O homem está com sorte que ainda é pó. O entrudo é muito menos. O pó leva-o um dia o vento; o entrudo ha de sumir-se alguma vez por um cano de esgoto.

Ruas e bailes publicos, a semsaboria do costume.

É tal entretanto a esperança que muitos teem de que, um dia, como manifestação de primavera precoce, sopre, d'algum bêco desconhecido ou detraz d'alguma porta, um halito de espirito, que lá se vão arrastando de cá para lá, horas inteiras, do Rocio até ao alto da Avenida, da porta do theatro até ao palco, á espera do mytho, d'um dito, d'uma intriga. Mas a caraça de papelão com sua phisionomia immovel, é symbolo do cerebro que se esconde sob o capuz do dominó.

Nada, por mais que se espere, que se abram os olhos, que se apurem os ouvidos. Zero! Nem sequer pó, nem sequer cinzas! Cano de esgoto com elle!

Os theatros trataram, como puderam, de chamar concorrencia e conseguiram-o com revistas e comedias alegres. O de S. Carlos offereceu aos seus frequentadores um baile em terça feira gorda.

Em muitos salões e *clubs* houve festas bonitas que ajudaram a empobrecer e entristecer os bailes publicos.

Concorridissimas as reuniões em casa dos srs. Condes de Tarouca e Condessa de Almedina.

Hoje grande socego nas ruas ainda sujas de farinha e tremoços. Depois de quatro dias de semsaboria bulhenta, voltámos novamente á vida costumada, semsabor tambem quasi sempre, louvado seja Deus, mas pela calada, o que é grande vantagem.

Vão reabrir as camaras e novamente se falará por toda a parte no caso magno da politica, relações entre os srs. João Franco e Hintze Ribeiro, que tão discutido ha sido desde as emendas pelo sr. João Franco apresentadas ás propostas do sr. ministro da marinha.

Por emquanto tudo vai correndo com serenidade. A agulha do barometro oscilla em volta do *variavel*, mas não ha camaroeiro içado no arsenal.

Outro tanto não podem os hespanhoes escrever da sua politica interna, desde que o casamento da princeza das Asturias com o filho do conde de Caserta foi lume deitado ao rastilho, que ha muito andava preparado para lançar pelos ares varias minas carregadas com dynamite d'odios anti-clericaes. Os estudantes mais que todos, n'essa occasião, se manifestaram exaltados em diversas cidades e sobretudo em Madrid. A revolta parece ter sido abafada, mas o governador militar esse é que deveras içou o camaroeiro, porque houve pancadaria.

Foi durante essa explosão de odios, que a noticia correu da morte de Campoamor.

Era um dos mais extraordinarios poetas de Hespanha, um lyrico cheio de encantos. Fartou-se de cantar o amor e velho morreu abençoado por quantos o leram, porque todos os seus livros lhe foram dictados pelo coração.

Era talvez de todos os poetas modernos hespanhoes o mais conhecido em Portugal. Elle e Trueba foram muita vez traduzidos por muitos dos nossos mais notaveis poetas. Bulhão Pato tinha-os em grande conta e d'elle conhecemos algumas traducções perfeitas.

Citamos ao acaso duas poesias do grande poeta agora fallecido e cujo enterro foi uma importantissima manifestação.

El busto de nieve

De amor tentado un penitente un dia
con nieve un busto de mujer formaba,
y el cuerpo al busto con fervor juntaba,
templando el fuego que en su pecho ardia.

Cuanto más con el busto el cuerpo unia
más la nieve con fuego se mezclaba,
y de aquel santo el corazón se helaba
y el busto de mujer se deshacia.

En tus luchas ¡oh amor de quien reniego!
siempre se une el inverno y el estio
y si uno ama sin fé, quier á otro ciego.

Asi te pasa á ti, corazón mío,
que uniendo ella su nieve con tu fuego,
por matar de calor, mueres de frio.

Los dos pecadores

Tu pecas porque me adoras,
y yo peco por gozar;
y en tan diverso pecar
yo rio cuando tu lloras.
¡Maldigo mis dulces horas
y bendigo tu tormento!
Podrá tu remordimiento
elevar-te á un dichoso estado:
¡yo si que soy desdichado,
que peco y no me arrepiento!

Velhos lyricos! Como elles iam cantando seus amores, estrada fóra da vida! Hoje um, ámanhã outro; ninguem lhes pedisse fidelidade. Muitas vezes lhes pagavam as mulheres na mesma moeda; melhor, eram mais versos! E d'essa inconstancia em amar e ser amado resulta a variedade dos livros; é ella quem faz que n'uma pagina ou n'outra cada qual encontre a propria historia, que ha de ler com uma lagrima diamantina a embaciar-lhe a vista.

Veio Campoamor pôr o travessão negro n'esta chronica que principiou falando do carnaval. Os contrastes que tanto nos espantam, porque hão de espantar-nos, se contrastes são apenas vulgaridade? Traçámos o signal luctuoso; antes que o fechemos façamos menção saudosa de trez nomes: o general Campos, Henrique Mendia, e conselheiro Nogueira Soares, todos muito conhecidos e muito estimados na alta sociedade de Lisboa, por suas virtudes e talentos.

Ainda o anno passado, por este tempo, cremos haver falado do baile esplendido que o general Campos offereceu em sua casa, no quartel general. Bem conservado, ainda gentil apesar da edade, nada podia então fazer prever que tão cedo a morte havia de arrancal-o aos carinhos da familia e á convivencia de muitos e dedicados amigos.

Henrique Mendia era um agronomo distincto e como tal prestou relevantes serviços, sendo seu nome muito considerado entre todos seus collegas.

O conselheiro Nogueira Soares foi um diplomata dos mais conceituados e era grande a sua folha de serviços á nação. Sua morte quasi repentina causou impressão profunda a quantos o conheceram e haviam servido sob suas ordens.

Tempo era que Deus nos mandasse acabar com o lucto d'esta secção; mas a morte é o que temos certo desde que começámos a viver, e como deixar no esquecimento quem na vida por qualquer forma se illustrou?

A vida é isto: lembrar.

E assim vamos ao acaso dos acontecimentos, annotando-os, por muito variaveis que elles sejam, gargalhadas d'uns, lagrimas d'outros, exemplos de virtudes e exhibições de vicios, casos in differentes que hão de esquecer dois dias depois, factos gloriosos que a historia conserva, petas que nos mandam de longe e verdades evidentes. No fim do anno as trinta e seis chronicas lembram a loja d'um ferro velho, trapagens, uma joia preciosa, uma oleographia rasgada, um quadro de mestre, papel de embrulho, uns livros classicos, tudo em monte, como no *Cahos* da rua de S. Bento. Quantos casos de ephemera importancia largamente commentados, quantos apontados apenas que importantes se tornaram! Mas tudo, ao cabo d'um anno, é sempre velho. *Tout passe, tout casse, tout lasse.* Só no bric-a-brac pode ter algum valor.

Mexer em coisas velhas quizeram agora alguns pares do reino, a quem pareceu fossil a lei sobre os descendentes do sr. D. Miguel. Tornou-se notado que os pares do reino, que exercem funcções no paço, todos votassem a discussão do projecto. A maioria obtida pelos contrarios á discussão foi pequena. De tudo ficou apenas a memoria d'uns versos cheios de espirito, que foram recitados a esse proposito pelo sr. Visconde de Chancelleiros e por toda a gente attribuidos ao nosso querido poeta João Saraiva.

Em meio d'essa discussão chegou El-rei da sua viagem a Inglaterra, onde foi tratado pelo novo monarcha, Eduardo VII, com a maior distincção, conforme o telegrapho nos communicou a nós e ao mundo inteiro, visto o interesse que despertou a viagem do sr. D. Carlos, mezes depois do novo tratado de alliança com Inglaterra, cujas clausulas se desconhecem.

Na estação do Rocio juntaram-se n'essa noite todas as auctoridades de Lisboa, casas civil e militar de El-rei, altos funccionarios, muitos militares e todos os que costumam concorrer a essas ceremonias. No Rocio apinhava-se o povo que ali se demorou até á chegada do comboio com mais de uma hora de atraso.

Chegou El-rei e ainda ouviu talvez o ecco do *Rei chegou*. Mas a cantiga já tinha outra letra: era *Rei partiu*. Effectivamente já tinha partido, depois de se ter demorado demais.

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CONDE DE VALBOM

No dia 1 do corrente, depois de doloroso soffrimento, falleceu o conde de Valbom, Joaquim Thomaz Lobo d'Avila, que nasceu em Santarem em 15 de novembro de 1822.

Fez a sua educação litteraria no Collegio Militar e na Escola Polytechnica com rara distincção, e deixou a escola para acompanhar o bravo Cesar de Vasconcellos na revolta de fevereiro de 1844, que rebentou em Torres Vedras.

O malogro d'esta revolta obrigou-o a emigrar para França, onde, em Paris completou os seus estudos de engenharia e economia politica.

Na revolução de 1848 que desthronou Luiz XVIII, houve quem o visse combater nas barricadas de Paris.

O movimento regenerador de 1851 que acabou com as perseguições politicas, e a que Lobo d'Avila se associou com todo o enthusiasmo do seu temperamento e caracter energico, permittiu-lhe voltar á patria e entrar na vida activa da politica, na imprensa e no parlamento.

Parlamentar e orador como os melhores do seu tempo, foi pela primeira vez ministro em 1862, onde geriu a pasta da fazenda até 1868. Em agosto de 1899 voltou de novo aos conselhos da corôa como ministro dos obras publicas e da guerra até 19 de maio de 1870. Em 1881 ministro dos estrangeiros.

São do conde de Valbom as leis que aboliram os morgados e o contracto do tabaco, leis altamente liberaes, que affirmaram o seu pulso de estadista.

Fundou e collaborou em varios jornaes politicos como a *Politica Liberal*, *Gazeta do Povo*, *Commercio de Lisboa*, etc. Publicou *Reflecções sobre o contracto para a construcção do caminho de ferro de leste* e *Estudos de administração*, obra que lhe deu entrada na Academia Real das Sciencias.

Entre as muitas commissões de serviço publico, que sempre desempenhou com superior criterio, actividade e zelo, citaremos a de ministro plenipotenciario na côrte de Madrid, e em Paris, a de vice-governador do Banco de Credito Predial e do conselho superior de obras publicas e minas.

Em 1876 foi-lhe conferido o titulo de conde de Valbom. Era conselheiro de Estado effectivo, e par do reino. Coronel honorario de engenheiros, fidalgo da Casa Real, commendador da Ordem de Christo, cavalleiro da de Aviz, grão-cruz da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia e da Rosa do Brazil.

OS FUNERAES DA RAINHA VICTORIA

Foi no primeiro dia de fevereiro que os restos mostaes da virtuosa soberana deixaram o Castello d'Osborne sendo transportados até ao caes de Cowes onde o Yacht *Alberta* os aguardava.

Collocada á sahida do Castello a urna feneraria sobre o reparo d'uma peça d'artilharia, acompanharam o cortejo abrindo, os creados das cavallariças reaes, depois um destacamento militar, em terceiro logar as auctoridades da ilha de Wight, os officiaes superiores do exercito e marinha em Portsmouth, musicos militares, precedendo immediatamente o carro funebre.

S. M. El-rei Eduardo VII que seguia apoz a urna, dava a direita a S. M. o Imperador Guilherme II e a esquerda ao duque de Connaught. Seguiam tambem o rei da Grecia e D. Carlos de Portugal, a Rainha Alexandra acompanhada das princezas Christiana da Dinamarca e Luiza de Battenberg cobertas de longos crepes bem como outras princezas da familia real.

Impossivel é descrever a enorme multidão accumulada no caes Cowes onde dez marinheiros do *Alberta* esperavam a urna feneraria para a conduzir a bordo. A travessia do canal entre Cowes e Portsmonth foi uma das maiores manifestações navaes a que se tem assistido, sendo formado o cortejo fluvial pela seguinte forma:

O Yacth *Alberta* precedido de oito tropedeiros, abria o cortejo levando n'um catafalco armado sobre a ponte o feretro da soberana. Seguiam-se duas extensissimas filas compostas dos mais grandiosos couraçados e outros navios de guerra da marinha ingleza que momento a momento atroavam os ares com os tiros dos seus formidaveis canhões. Fechando seguiam os yacths *Victoria and Albert* conduzindo as pessoas reaes, depois o *Osborne Hoenzollern* o *Enchantrees* o *Irène*, e dois yachts do almirantado, tendo-se tambem encorporado diversos navios estrangeiros sendo um francez, quatro allemães, um japonez e o cruzador portuguez *D. Carlos I*.

A' chegada a Portsmouth foi a urna funeraria collocada n'um catafalco e velada o resto da noite por turnos de uma centena de marinheiros ou soldados de marinha, até que ás 9 horas da manhã debaixo d'um tempo frio e chuvoso foi transportada para um comboio composto de cinco wagons salão e tres de primeira.

Incalculavel a quantidade de gente que se aglomerava por onde devia seguir o cortejo atravez Londres, desde a estação de Victoria á de Paddington n'uma distancia de cinco kilometros.

A imponencia do cortejo formado, manifestou-se em toda a sua amplitude ao atravessar Hyde Park.

Durante tres quartos d'hora se viu passar primeiro as musicas, depois os destacamentos, emfim todas as tropas brancas do imperio, batalhões, esquadrões d'artilharia soberbamente montados, marinheiros cujos chapeus de palha contrastavam singularmente com o violaceo da atmosphera e na cauda d'esta marcha verdadeiramente guerreira o velho marechal Roberts, o generalissimo, no meio do seu emplumado estado maior em grande uniforme.

Chegados a Windsor foi celebrada a ultima ceremonia official na capella de São Jorge. Terminada ella um arauto emplumado proclamou os titulos da defuncta soberana: Victoria, pela graça de Deus, rainha do Reino Unido, da Gran Bretanha e Irlanda, defensora da fé imperatriz das Indias.

Foi cantado depois o Good save the King.

As allabardas resoaram sobre as lages e lentamente se esvasiou a egreja.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero antecedente)

1887-1888

Em 1 de abril foi o beneficio de Luigi Magnani, director de scena, e Antonio Martins, secretario da empreza, em que cantaram Regina Pacini, Antonio Andrade, Francisco Andrade, Vergnet, e representaram scenas comicas os actores Antonio Pedro, Taborda e Valle.

Em 2 de abril, festa artistica de Regina Pacini; deu-se a opera *I Puritani*, e um *divertissement*; a beneficiada cantou umas *malagueñas*.

Em 5 de abril, festa artistica de Helena Theodorini; representou-se: o prologo, 1.º e 2.º actos da opera *D Branca*; o 4.º acto da *Gioconda*; e a aria das joias, do *Fausto*, por Theodorini.

Em 7 de abril festa artistica dos irmãos Andrades, ultima recita de assignatura; 1.º, 2.º e 3.º actos de *D Branca*, 1.º quadro do 1.º acto da *Favorita* por Antonio Andrade e Roveri, e 3.º acto de *Ernani* por Antonio Andrade, Francisco Andrade, Helena Theodorini e Roveri.

Em 8 de abril, á 1 1/2 hora da tarde houve um concerto em beneficio da sociedade promotora das creches, e de um professor da orchestra impossibilitado de trabalhar, cujo nome se não declarou; cantaram Regina Pacini, Antonio Andrade, Francisco Andrade, e tocaram os pianistas José Vieira e Oscar Pfeiffer.

Representou a companhia do theatro de D. Maria II a comedia, *O deputado de Bombignac*; a actriz Virginia e o actor Brazão recitaram monologos. A orchestra tocou a symphonia de *Freichütz*, de Weber, e, com a banda da guarda municipal, a marcha *Guttenberg* de Francisco Gazul.

Na noite do mesmo dia realisou-se um concerto em beneficio de Mathilde Marcello, filha de Jacintho de Santa Anna e Vasconcellos, visconde das Nogueiras. A beneficiada cantou a aria das joias do *Fausto*, a *Serenata* de Braga com acompanhamento obrigado de violino por Julio Caggiani, a aria da opera *Cid*, de Massenet, o lamento *J'en mourrais*, de M.me Viardot, e a aria do 4.º acto da *Forza del Destino*. Cantaram tambem Antonio Andrade e Francisco Andrade, tocou harpa M.lle Luisello, e tocou piano Rey-Collaço.

Em 12 de abril, verificou-se um sarau promovido pela imprensa jornalistica em beneficio das victimas do incendio do theatro Baquet, do Porto; a orchestra da Real Academia dos Amadores de musica, tocou: a symphonia de *Egmont*, de Beethoven; *In memoriam*, composição escripta expressamente pelo chefe da orchestra Victor Hussla; *Toreador*, de Rubinstein, *Serenata* de Markowsky, *Les joyeuses commères de Windsor*, de Nicolai; cantaram os seguintes amadores: Angela Kempe Serrão da Costa, Maria Judice da Costa, Maria Adelaide Pires Sanguinetti, Maria Gracias y Arias, João Affonso, Marianna Mercez Montalvão; tocaram rebeca Julio de Magalhães, piano Adriana de Magalhães; recitaram os grandes oradores, Pinheiro Chagas, Antonio Candido Ribeiro da Costa, e o afamado actor Taborda.

Em 23 de abril de 1888 o major Cypriano Jardim fez no theatro de S. Carlos uma conferencia sobre balões dirigiveis, apresentando um modelo de sua invenção, com o qual fez experiencias fazendo-o subir, descer e caminhar em diversos sentidos; o balão tinha um propulsor helicoide movido pela electricidade.

Em maio de 1888 houve no salão nobre do theatro de D. Maria II, concertos de musica classica, por Victor Hussla, *violino*, Rey-Colaço, *piano*, Alfredo Gazul, *violeta*, Cunha e Silva, *violoncello*.

Em maio d'este mesmo anno houve no theatro de S. Carlos concertos pela orchestra da Associação 24 de Junho, dirigidos por Arthur Steck.

O primeiro concerto verificou-se no dia 15 de maio, em recita de gala a que assistiu o rei Oscar II da Suecia; cantaram Regina Pacini o rondó da *Lucia*, e o duetto da opera *D. João*, de Mozart, com D. José de Almeida, o qual cantou tambem a aria do baixo da opera *D. Carlos*, de Verdi, e Maria Barbara Judice da Costa cantou a aria de contralto do 2.º acto da opera *Semiramis* de Rossini.

Diversas celebridades realçaram os espectaculos no theatro de S. Carlos na epocha de 1887-1888. A excepcional cantora Adelina Patti voltou a dar algumas recitas n'este theatro; o seu orgão vocal deveras prodigioso ainda fazia maravilhar os ouvidos; aquella portentosa voz, depois de um trabalho de quasi trinta annos, por diversas scenas nos dois mundos, ainda conservava extensão, sonoridade, flexibilidade, força e doçura! o tempo e a fadiga poucos estragos tinham conseguido incutir n'aquella phenomenal garganta; se taes inimigos pouco damno haviam conseguido fazer no orgão vocal, o talento, a facilidade, a intuição e o estudo tinham realçado o valor da cantora, que no fim da sua longa carreira musical tinha o condão de ser extraordinariamente dramatica no *Rigoletto* e immensamente graciosa, de uma correção e virtuosidade inexcedivel, no *Crispino e la Comare*, sempre servida, e fazendo o melhor uso, da sua portentosa voz.

Emma Nevada, que esteve escripturada só na primeira parte da épocha, até 15 de janeiro de 1888, tinha avantajada reputação. Era uma dama ligeira, com bonita voz, extensa, e mais volume do que habitualmente possue a voz d'aquelle genero; cantava com bonito methodo, e tinha agilidade, como é proprio do caracter de soprano ligeiro.

Helena Theodorini, a grande artista, de que já anteriormente fallámos, não teve, n'esta segunda épocha, o mesmo successo do anno anterior, excepto na opera *D. Branca*, na qual partilhou das ovações que o publico fez ao maestro Alfredo Keil.

Antonio Andrade, distincto tenor, e seu irmão Francisco Andrade, já célebre artista, dos quaes já anteriormente, n'estas memorias artistico-musicaes, mencionámos o brilhante exito que haviam logrado em paizes estrangeiros, appareceram finalmente na primeira scena lyrica da sua patria. Os seus compatriotas poderam então apreciar o valor dos artistas portuguezes, e o valor da reputação que tinham adquirido.

Antonio Andrade tinha uma voz de tenor extensa e facil, mais forte e sonora nos agudos, mais fraca e de timbre menos agradavel na escala media e grave; cantava com correcção e gosto e o seu porte era distincto, Francisco Andrade tinha voz de barytono volumosa, forte, de timbre geralmente desagradavel; cantor distincto, como artista era de primeira plana. Era sobremaneira notavel na opera *Rigoletto*; a tessitura da parte do protogonista d'esta opera estava-lhe tãobem, que nem a sua voz parecia aspera; o modo porque cantava, interpretava e representava n'esta opera era verdadeiramente superior; a execução do *Rigoletto* pela Patti e irmãos Andrades foi primorosa. O publico lisbonense acolheu bem os dois cantores, e prodigulisou-lhes muitos applausos; mas foi sobretudo o barytono Francisco Andrade quem mais caiu em graça aos frequentadores de S. Carlos.

Regina Pacini, filha de Pietro Pacini, habil artista, de cujo merito já fallámos nos nossos estudos sobre o theatro, era apenas uma jovem de 16 annos quando fez o seu debute na scena de S. Carlos em 5 de janeiro de 1888, cantando na opera *Sonnambula*, de Bellini.

Era uma verdadeira dama ligeira; voz de *soprano sffogato* delgada, extensa e immensamente flexivel; agilidade muito grande, e uma facilidade de extraordinaria em *fioritures e picados*; imitando sem esforço as mais intrincadas variações que ouvisse a alguma celebridade n'esse genero. Juntava a estas qualidades uma affinação muito segura. Posto que estivesse desde logo ao principio muito á sua vontade, comtudo só mais tarde se aperfeiçoou no modo de estar em scena, e adquiriu mais largueza e expressão no canto; o que aliás não admirava vista a sua mocidade e falta de pratica na scena theatral.

O publico lisbonense acolheu-a com muitos applausos, e os seus numerosos amigos, e conhecimentos que tinha em Lisboa, aproveitaram a habilidade da jovem cantora e a sympathia do publico para a exaltarem, fazendo-lhe grandes ovações.

A escriptura de Regina Pacini foi, principalmente, da parte da empreza Valdez, um acto politico, que veiu destruir, ou pelo menos interromper, a opposição de Freitas Brito, o anterior emprezario, e de seus amigos; se não foi a paz; foi um armisticio entre a empreza presente e a passada.

Não podia ser mais auspiciosa a estreia da nova *prima-dona*, que, tendo apenas 16 annos, era já um antigo conhecimento e uma velha sympathia para muitos frequentadores do theatro de S. Carlos, que desde pequena frequentes vezes a viam com sua mãe em um camarote sobre o palco scenico. O debute de Regina Pacini trouxe ao mesmo tempo a paz aos inimigos, alegria aos seus amigos, e ao culto da arte musical uma egregia sacerdotiza.

Com effeito, tem sido brilhantissima a carreira theatral de Regina Pacini, percorrendo triumphantemente os theatros da Europa e da America, colhendo muitos louros e proventos.

Alexandre Talazac era um tenor distincto, cantando regularmente, segundo o estylo francez, com figura pouco adaptavel a papeis de amoroso e pouco artista em scena, mas dotado de uma voz bellissima, extensa, sonora e agradavel. Teve alguns applausos do publico lisbonense, mas menos do que merecia.

Maria Judice da Costa, que se apresentou em um concerto, no fim da épocha, era uma jovem rapariga, alta e magra, com bellos olhos, sympathica, com uma linda voz de meio soprano, volumosa e pastosa, e cantando com expressão.

Devemos ainda citar entre os cantores portuguezes que se ouviram no theatro de S. Carlos, n'esta épocha, a filha do Visconde das Nogueiras, Mathilde Marcello, que obteve, uma recita em seu beneficio, e applausos, principalmente devidos á protecção que encontrou na alta sociedade, onde havia ainda muitas das relações de sua mãe.

No dia 20 de março de 1888, na occasião do espectaculo, declarou-se o fogo no theatro Baquet, no Porto, lavrando o incendio com extraordinaria rapidez, perecendo mais de 100 pessoas, já pelas chammas, já suffocadas pelo fumo ou esmagadas pela multidão que desordenadamente, e acometida de delirante panico, procurava fugir pelas poucas e más serventias que davam saida da sala dos espectaculos.

Segundo o costume do paiz, o acontecimento provocou, da parte dos poderes publicos, a adopção de providencias para evitar de futuro as consequencias de taes sinistros; e, como praxe infallivel em Portugal, foram para esse fim nomeadas varias commissões; entre as medidas adoptadas ou para adoptar, figurava a supressão de algumas ordens de cadeiras nas plateias, alargamento de

Funeraes da Rainha Victoria

O Alberta

PASSAGEM DO CORTEJO NAVAL NO CANAL LE SOLENT

O *Alberta*, precedido de oito torpedeiros, conduz o feretro, e é seguido pelo *Victoria* e *Albert* onde vae Eduardo VII e o imperador da Allemanha, o *Osborne*, o *Hohenzollern* e dois yachts do almirantado

PASSAGEM DO CORTEJO FUNEBRE NO HYDE-PARK, EM LONDRES

coxias, colocação de escadas exteriores, abertura de novos corredores e portas, téla de ferro para isolar os palcos das salas etc.; mas na maior parte dos theatros nada ou pouco se fez; e, o que é devéras ainda mais extraordinario, n'essa occasião as auctoridades deixaram construir e funccionar o theatro da Avenida, verdadeira gaiola de madeira, com escadas ingremes, com uma só serventia, tendo apenas janellas na estreita fachada, e nas paredes lateraes apenas frestas! E assim ficou durante muitos annos! Segundo o uso houve muitos espectaculos e subscripções em favor das victimas, o que tudo produziu avultada somma que foi arrecadada por uma commissão, a qual porém foi avara na distribuição dos soccorros que foram insignificantissimos.

Houve n'esta épocha duas opera novas na scena de S. Carlos; *Guilietta e Romeo* de Gounod, composição fraca e disparatada, em que o auctor se lembrou de fazer cantar uma *valsa moderna* á apaixonada *Giulietta*, e *D. Branca* de Keil.

Alfredo Keil, filho de um habil alfayate allemão Cristian Keil, nasceu em Lisboa e como tal se conta como portuguez; já anteriormente havia apresentado algumas composições symphonicas de merecimento. A sua opera *D. Branca* é uma valiosa composição, com alguns motivos bem achados, de bom rhytmo e effeito, grandes cheios de orchestra e banda, abusando bastante das manifestações ruidosas, fazendo n'isso lembrar Massenet, obrigando frequentemente os cantores a fazerem continuos esforços na emissão da voz, inconveniente este que lhe prejudicará de certo muitas vezes a execução, e que impedirá que corra bastante mundo lyrico, tendo aliás mais merecimento que muitas operas que se cantam em bastantes theatros.

A *D. Branca* agradou muito em Lisboa, não só nos applausos que recebeu, mas tambem nas muitas enchentes que deu ao theatro.

Diversos amadores figuraram em alguns concertos sobre o palco do theatro de S. Carlos, cujos nomes já atrás ficaram commemorados, e entre os quaes se distinguiam a harpista Luisello pela agilidade e correcção, bem como o rebequista Julio de Magalhães; o tenor João Affonso, o meio soprano Marianna Mercez Montalvão, e o baixo D. José d'Almeida pelo seu bello methodo de canto. Tambem abrilhantaram a scena de S. Carlos os grandes actores Antonio Pedro e Taborda, e os dois primeiros oradores portuguezes contemporaneos Pinheiro Chagas e Antonio Candido.

Entre os artistas que tocaram n'esta épocha no theatro de S. Carlos, sobresaiu especialmente o nosso afamado pianista Rey Collaço, tão notavel pela sua extraordinaria agilidade e perfeita execução no piano, e tambem compositor de muito merecimento.

Novos cantores portuguezes debutaram n'este anno de 1888. Em 22 de setembro no theatro de Tréviglio em

CONDE DE VALBOM
Fallecido em 31 de janeiro de 1901

O Real Theatro de S. Carlos

Scena do 1.º acto da opera *D. Branca*, de Alfredo Keil, scenographia de Luigi Manini

Italia, debutou na opera *Jone*, de Petrella, Maria de Castro Pereira, filha do antigo emprezario de S. Carlos. Em 18 e 20 de outubro de 1888, no theatro do Principe Real, do Porto, em beneficio da familia do violinista Marques Pinto, representou-se a opera *Fausto* de Gounod por Sophia de Mello e Castro (Margarida), Maria Augusta Coelho da Cruz (Siebel), Nery (Matha), Alvaro Roquette (Fausto), Francisco de Sousa Coutinho (Valentim), José de Almeida (Mephistopheles), João Carlos Pinto Ferreira (Wagner); Arthur Pontechi maestro, Antonio Duarte da Cruz Pinto, ensaiador dos côros.

Em 11 de novembro de 1887 falleceu, com mais de 85 annos de edade, o maestro Manuel Innocencio Liberato dos Santos, que foi compositor muito distincto e fecundo, especialmente em musica sacra, e do qual se representaram no theatro de S. Carlos, as operas *Inês di Castro* e *Assedio di Diu*, em 1839 e 1841, como dissémos em um anterior trabalho.

(Continua) *Francisco da Fonseca Benevides.*

QUESTÕES SOCIAES

(CADEIAS)

«O despertar do somno ao cabo da primeira noite de prisão, é cousa horrivel... «Muito mais suave é viver em liberdade do que ferrolhado em um carcere; quem o duvida?...»

SILVIO PELLICO (*As minhas prisões*).

«Quem o duvida?» esta pergunta faz o nobre e generoso italiano á sua propria consciencia e aos homens; mas é certo impender sobre a condição miserrima da nossa especie a obrigação de coarctar quanto possivel os desvios renitentes e as irrupções criminosas.

A humanidade carece de guia seguro e de amparo proficuo.

O espirito, porém, de emulação sofrega e de egoismo audaz, apossa-se muitas vezes do ser desprevenido e transforma-o n'um instrumento vil de attentados e n'um perigo permanente para a boa ordem social.

E' então mister, quando se não tem sabido evitar por orientação sensata a manifestação exotica do mal, recorrer ao triste meio de sequestração do individuo da convivencia de seus similhantes.

Assim nasceu a cadeia, logar de expiação e tambem de vingança infame.

Ha mais de dois lustros, foram escriptas as palavras seguintes pelo finado D. Antonio da Costa: «Continuamente dentro dos nossos carceres estamos vendo, já com assassinios, já com ferimentos, com tiros, com falsificação da moeda, com roubos, com desordens, com a embriaguez, com o jogo, já com as mais impudicas conversações e revelações, tornarem-se as nossas cadeias n'uma instituição desmoralisadora e asquerosa da mais terrivel aprendizagem dos crimes, quando aliás deve ser uma instituição expiatoria, moral e civilisadora».

O periodo que acaba de ler-se, terá sido inspirado por um exame singular embora detido mas não bastante a auctorisar a sua applicação á generalidade das cadeias portuguezas, ou ainda será devido a uma disposição natural do auctor para exagerar tudo?

Nem uma nem outra hypothese: é a expressão genuina da verdade.

E note-se, não é por falta de legislação e muito menos de discursos que ainda hoje o estado das prisões corresponde pouco mais ou menos áquelle juizo verdadeiro.

Os homens de governação succedem uns após outros na posse cubiçada do mando, sem pensarem sequer que existe no mundo alguma cousa mais importante do que o favor partidario e superlativo ás maximas instancias e subtilezas eleitoraes, — o interesse moral dos povos!

N'este ponto, não está desempenhado o dever do Estadista, uma vez que exista uma casa de reclusão para os delinquentes e um codigo rasoavel comminativo para os diversos delictos; não, elle vae mais longe, vae até ao seu cumprimento logico paredes a dentro da propria estancia forçada do criminoso.

Se, impondo uma pena, se não leva em vista regenerar e edificando umas moradas de encerramento se não pretende proporcionar ensejo de conseguil-o, não ha nada que justifique a cadeia sem fundamento legitimo e sem um designio humanitario de emenda.

Limitar todo o esforço de alta politica e todo o estudo engenhoso de membros dirigentes á retenção temporaria ou perpetua, conforme a gravidade dos casos, de pessoas que praticaram actos pelos quaes foram presas ou condemnadas, não é digno da creatura humana nem se harmonisa com o grau de intellectualidade que deve existir n'um governo illustrado.

O meio, pois, unico de valorisar uma cadeia é preparal-a a servir de asylo confortavel ao physico e de escola insinuante ao moral do homem.

Aquelles que a má indole ou a educação pessima arrasta ali devem encontrar uma vida sempre occupada, de modo a impedir o cogitar novos crimes e as iniciações perniciosas dos novatos pelos veteranos.

Convém que ás cadeias seja dada a feição de officina, maneira organica infallivel de fazer desapparecer a ociosidade nefasta e perigosissima, e de incutir algum amor ao trabalho em animos rebeldes a qualquer mister.

O regulamento interno d'estes estabelecimentos de satisfação de culpas, deve obedecer a dictames de consciencia e a principios de austeridade, visando sobretudo guardar um meio termo entre os excessos de rigor cruel e as demasias de complacencia systematica.

E' porém necessario que por elle fiquem habilitados os individuos a quem competir pôl-o em pratica a reprimir com severidade todas as insubordinações, e a não dispensar nenhum recluso do trabalho sem um motivo comprovado de força maior.

Actualmente, succede com frequencia que os malandrins incorrigiveis, quando fartos de infelicidade nos commettimentos nocturnos, empregam expedientes atrevidos e usam de fraude propositada no intuito de conseguirem descançar nas prisões, sustentados pelo Estado não obstante para tanto ser lhes mister a perpetração de um acto criminoso de ultima hora.

Factos e confissões d'esta natureza, a miude relatadas na imprensa diaria, demonstram peremptoriamente a esterilidade e quasi inutilidade das cadeias portuguezas.

Gastam-se enormes sommas annualmente com a manutenção das casas de reclusão, e apesar d'isso não existe talvez uma só em todo o paiz que mereça rigorosamente o titulo de modelo.

Pois, se os governos se dignassem attender sériamente a este assumpto, que não é de somenos significação nas attribuições do poder, parece-me que bem mereceriam melhor no conceito publico, e mesmo colheriam proveito economico do quê agora só é receita negativa.

Introduzir o trabalho obrigatorio nas prisões, longe de ser um gravame barbaro á situação de seus miseros habitantes, é dulcificar-lhes a existencia por uma distracção util e vantajosa a todos.

Não é, porém, este o motivo exclusivo que o recommenda; além dos resultados praticos que podem assim obter-se, accresce ainda no sentido moral tornar-se menos contagiosa a camaradagem dos grandes malvados com os simples delinquentes.

Na impossibilidade de selecção completa entre os criminosos, e outrosim de separação conveniente, não conheço outro processo mais racional e de maior facilidade, para tel-os confundidos sem damno grave e irreparavel.

Não será pequena a tarefa de quem quer que tome a peito n'este nosso *jardim á beira mar plantado* a empreza de reformar as cadeias; mas o grandioso e o nobremente sympathico de tal resolução compensaria de sobra o esforço individual, que seria certamente coroado do exito mais brilhante.

A causa dos presos é tão humanitaria e cabe tanto na esphera côngruente da politica sã como a das pessoas livres.

Se existem razões que affirmam superioridade militante para um dos lados, é antes para o de aquelles, sempre dignos de lastima e do zelo da caridade.

«Nasça igualmente, escreveu D. Antonio da Costa, á respeito das cadeias, o principio associado, estabelecendo escolas de moralisação e de ensino dentro das cadeias, onde são de uma utilidade e urgencia superiores a quanto se possa dizer.

«Campo completamete virgem, anceia por se ver arroteado pelas mãos beneficentes dos que tambem entre nós possam fazer brotar, por iniciativa individual ou por associações, as sementes da instrucção e da moralidade, do trabalho e do exemplo.»

As officinas nas prisões trariam meios de reparar e ampliar os edificios respectivos, e permittiriam aos presos compensar de certo modo ás familias a falta de seus ganhos quando em plena liberdade.

Bem sei que nem em todas as localidades é possivel estabelecel as regularmente, todavia, restaria sempre ao governo um recurso opimo de morigeração e de rehabilitação para aquelles infelizes, — o mestre-escola e o ministro do Evangelho.

Em todas as sédes de comarca ha professores officiaes de primeiras letras, e rarissimas são as povoações d'esta ordem que não são séde de frequezia, a que implicitamente está ligada a idéa de parocho residente.

O professor e o parocho são duas entidades de maravilha a cooperar activamente na obra civilisadora da população captiva sob ferros.

A obrigação imposta ao primeiro de dar todos os dias aos presos hora e meia de lição, e o convite ao apostolo da religião do amor para exercer o seu ministerio salutar no recinto das cadeias, medidas eram de alcance vivificante, que attestariam indelevelmente ás gerações portuguezas a passagem pelo poder de ministros animados pelo pensamento do bem e pela comprehensão perfeita do dever civico.

E qual seria o pedagogo honesto que não acceitasse gostosamente o seu novo encargo; e qual seria o sacerdote convicto que não accedesse pressuroso a imitar tão generosamente o Doce Protector dos enjeitados da sorte?

«La saine politique, disse Augusto Comte em 1822, em um opusculo, ne saurait avoir pour object de faire marcher l'espece humaine, qui se meut par une impulsion propre, suivant une loi aussi necessaire, quoique plus modifiable, que celle de la gravitation. Mais elle a pour but de faciliter sa marche en l'éclairant.»

E na realidade, se os governos são esquivos ao seu papel de luminares das sociedades a cujos destinos presidem, mentem ao seu fim principal e conspurcam a dignidade hierarchica.

Ora, ainda mesmo que os presos só fossem ilótas, elles conservariam inquestionavelmente a caracteristica humana, tendo portanto jús innegavel ao cuidado solicito dos poderes constituidos.

A não ser a Penitenciaria Central de Lisboa, cuja vista minuciosa fiz ha já alguns annos, recebendo boa impressão pela admiravel ordem e aceio irreprehensivel que em tudo notei, não tenho noticia de nenhuma outra prisão portugueza que satisfaça cabalmente ás exigencias affectivas de moralidade e á logica do bom senso.

De aspecto exterior soturno e repugnante, as nossas cadeias são interiormente na maioria, espeluncas doentias lembrando mais um covil de sertão inhospito, do que logares representativos d'uma dura necessidade, apropriados á modificação consequente do caracter dos individuos.

Preoccupe-se o governo portuguez decididamente por esta questão nacional, alheia a politica partidaria; haja commiseração dos desgraçados empolgados pelas garras do crime!

D. Francisco de Noronha.

O SENHOR FRANCISCO

(RECORDAÇÕES DE 1848)

POR

Ivan Turgeniew

(Continuado do numero antecedente)

Desprezar o povo! Ninguem despreza senão aquillo que em circumstancias diversas, devia respeitar. Aqui é preciso que cada qual saiba tirar partido, que saiba aproveitar-se de tudo. Isso sim, isso é que é o mais necessario.

Permitta-me uma pergunta: e o senhor soube tirar partido, porventura?

O senhor Francisco suspirou.

—Não senhor, não sube.

—Deveras?

—Não sube, digo lh'o eu. Está a olhar para mim e a dizer lá com os seus botões: Estás para ahi com esses vaticinios de catastrophes imminentes sobre a França; ou, então, ahi tens o momento azado para pescar nas aguas turvas! Que não é em agua turva que o solho apanha peixes: — e eu nem sequer chego a ser um solho.

Voltou-se de arremesso na cadeira, e bateu-lhe nas costas com o punho cerrado.

—Não! Não sube aproveitar coisa nenhuma. Se assim não fosse, eu apresentava-me lá nunca ao senhor em semelhante estado?—e, com um movimento rapido de mão, apontou para si mesmo. E' muito provavel que não tivesse tido o gosto de o conhecer, e seria pena, accrescentou com um sorriso forçado, nem teria vivido n'essa misera

baiuca em que hoje habito. Não haveria incontrado ensejo, todas as manhãs, quando me ergo da minha enxerga e lanço os olhos sobre esse mar dos tectos de Paris, de repetir todos os dias o dito de Jugurtha: *Urbs venalis!* Sim; e comtudo, se eu fôra o que é essa cidade, não teria chegado ao que cheguei, a esta penuria, a esta miseria, a esta ignominia!

—Estás aqui estás-me a pedir dinheiro, disse eu comigo.

Calou-se, deixou pender a cabeça sobre o peito, e entrou a revolver a areia com a ponteira da bengala

Em seguida emittiu outra vez um profundo suspiro, tirou os oculos, sacou da algibeira de traz um lenço velho, de quadradinhos, fez um embrulho e esfregou a testa, duas ou tres vezes, erguendo muito alto o cotovello Sim, disse, afinal, com voz apenas audivel, «triste coisa é esta vida!» Triste e bem triste, lá isso é, meu caro senhor! Resta me uma unica consolação, e vem a ser que hei de morrer, não tarda nada, e de morte violenta, com certeza.

—Não chega, então, a ser rei? Estive, vae não vae, para lhe perguntar, mas contive-me.

—De morte violenta, digo-lh'o eu. Olhe para aqui. Apresentou-me a mão esquerda, aberta, com a palma virada para o ar; e, sem largar o lenço, n'ella apontou o dedo indicador da mão direita. Não campavam pelo asseio; quer uma quer outra. Não vê este traço a cortar a linha da vida?

—Acredita pois na chiromancia?

—Vê este traço, repetiu, insistente. Pois, meu caro senhor, fique sabendo desde já: se algum dia se encontrar em sitio em que não haja coisa que possa lembrar-lhe a minha pessoa, e se de repente eu lhe acudir ao pensamento, saiba que terei deixado d'existir.

—Tambem crê, então, na fatalidade?

O senhor Francisco encolheu um pouco os hombros.

—Que quer! Se eu sou como Socrates, que sabia tanta coisa e fingia não saber nada. Não creio em coisa nenhuma... e acredito em muita coisa. A unica coisa em que eu não creio é na minha boa sorte.

Tornou a abaixar a cabeça, e deixou cahir sobre o joelho a mão em que tinha o lenço, emquanto que a outra, com os oculos, lhe pendia inerte, a um lado.

Os olhos do senhor Francisco continuavam pregados no chão; livre, pois, d'embaraço, fui aproveitando o ensejo para o considerar mais attentamente. Pareceu-me tão velho e alquebrado, os hombros corcovados, a propria posição dos pés, chatos e alambazados, mettidos n'umas botas muito velhas, remendadas, denunciavam um tal cansaço; comprimia os labios com tanto amargo; as faces mal barbeadas apresentavam sulcos tão profundos; o pescoço, descarnado, estirava-se com tão triste aspecto; pendia lhe sobre a testa engelhada uma farripa de pelos grisalhos com ar tão depenado!... Homem desventurado, digno de compaixão, disse de mim para mim. Foste mal succedido em tudo quanto emprehendeste, até hoje, com a familia, com os negocios. Se até foste casado, a mulher enganou-te e abalou; se teus filhos nem sequer os conheces. Estás sósinho n'este mundo.

Uma exclamação, em alta voz e em russo, veio interromper-me as cogitações. Alguem chamava por mim. Voltei me e, distante dois passos, divizei Alexandre Herzen, esse escriptor tão conhecido, que vivia, a essa data, em Paris. Fui ter com elle.

— Quem estava ali comtigo? me disse em russo, sem abrandar a voz clara e retumbante. Quem vem a ser aquelle figurão?

— Qual figurão?

— Pois meu caro, é um espião.

— Visto isso, conhecel o?

— Nem por sombras. Mas bastou-me olhar para elle — tem todos elles os mesmos modos, os mesmos habitos. Que ideia foi essa de lhe dar tréla? — Ve lá o que fazes, hein?

Não respondi. Mas, sabendo eu perfeitamente que o Herzen, com toda a sua esperteza, não possuia o dom de conhecer os homens, e muito menos á primeira vista; lembrando-me eu que, á sua meza, vira, por vezes, certas caras suspeitas, que sabiam captar-lhe a sympathia com duas ou tres palavras generosas, e que, um bello dia, desmascarados, se sahiam genuinos agentes de espionagem — que assim o nárra elle nas suas *Memorias* — não liguei demasiada importancia á sua advertencia. E, tendo-lhe dado os agradecimentos por tão amigavel interesse, fui ter outra vez com o meu senhor Francisco.

Elle lá estava ainda, assentado e de cabeça cahida.

— Sempre lhe quéro dizer, proseguiu, assim que eu me sentei ao pé d'elle, que vós, senhores russos. tendes todos um pessimo costume. No meio da rua, quer na presença de estrangeiros, quer na de francezes, falaes russo, em voz alta e como se ninguem vos podesse entender. Quando mais não seja seja, é imprudente. Eu, sem irmos mais longe, comprendi tudo quanto lhe disse o seu amigo.

Involuntariamente, córei.

— Por quem é... — não vá pensar que... o meu amigo... nem por sombras»..

— Conheço-o — atalhou o senhor Francisco; é homem espirituosissimo. Mas *errare humanum est.*

Não havia que ver, o senhor Francisco gostava de impingir o seu latinorio.

E d'ahi... por isso não lhe quero mal... Quem me julgar pelas apparencias... poderá, a meu respeito, suppor o que quizer. Mas permitta-me que lhe faça uma unica pergunta: se eu fosse, effectivamente o que suppõe o seu amigo, que interesse ou que proveito poderia eu ter em lhe andar a seguir o rasto ao senhor?

— Decerto; — tem muita razão.

O senhor Francisco fitava a minha pessoa um olhar amortecido.

— Aprendeu o russo emquanto esteve por preceptor em casa do tal general? perguntei, um tanto fóra de proposito Eu estava porem ancioso por desvanecer quanto antes a impressão que n'elle devia ter produzido a asserção algo temeraria de Herzen. O rosto do senhor Francisco reanimou-se; deslisou-lhe nos labios um sorriso, e entrou a bater-me pancadinhas no joelho como se quizesse dar me a perceber que adivinhára a minha intensão e a levava em bem. Depois tornou a pôr os oculos e apanhou do chão a bengala.

—Não é isso; proferiu; aprendi a sua lingua ha muito mais tempo, na época em que andava aos baldões da America para a Siberia, tendo atravessado o Texas e a California; pois, aqui onde me vê, já lá estive, na sua Siberia. E foi lá que passei d'aquellas que o diabo não quer.

—Nada! Nada! Da Siberia não lhe digo palavra, e isto por varias razões. A primeira é que tenho receio de o affligir. *Pá machine lutchi,* (*) accrescentou em mau russo, e com aquelle seu rizinho sardonico,—há-há.—Oiça antes o que me aconteceu no Texas.

E o senhor Francisco, por fórma mui circumstanciada e que lhe não era familiar, entrou a narrar-me como fôra que andando errante pelo Texas, durante o inverno, tivera que procurar abrigo n'um blockhaus, habitado por um colono mexicano; em como, acordando uma noite, vira o seu hospedeiro sentado na cama, e brandindo um enorme facalhão, *(con una navaja);* em como aquelle homem, de alentadissima estatura e com a força de um toiro, lhe declarára que ia cortar-lhe as guélas, pelo simples motivo de as feições d'elle lhe recordarem as do seu mais figadal inimigo.

Prova-me, lhe dizia o Mexicano, que não tenho razão em me permittir este capricho, de te sangrar como se sangra um pôrco, visto que o posso fazer impunemente, e que ninguem n'este mundo saberá jamais o que foi feito de ti. E quando mesmo o viessem a saber, quem é que se atreveria a vir-me pedir contas, pois quem ha ahi que por ti se interesse?

Vamos, expõe para ahi as tuas provas, que nós, graças a Deus, temos muito tempo para conversar.

E ahi estive eu toda a noite, até ao amanhecer, com o facalhão a fazer-me negaça, e eu, obrigado a demonstrar áquella féra bebada, já escudando-me com a letra das Sagradas Escripturas (era catholico, e talvez que isso o podesse amançar), já valendo-me de considerações de ordem geral, que, pelo prazer que lhe causaria a minha morte não lhe valia a pena emporcalhar as mãos. Tinha que enterrar o meu cadaver, quando por mais não fosse como medida de salubridade; que era uma massada, etc.

Vi-me até constrangido a contar-lhe historias e a trautear-lhe cantigas — «Canta comigo», berrava, «canta *la muchacha...* e ahi tinha eu que fazer-lhe a segunda parte. E o fio do facalhão, da tal *navaja* do demonio, suspenso a dois dedos da minha guéla.

Até que por fim o mexicano deitado ao pé de mim, adormeceu, encostada a meu peito a cabeça horrenda e hirsuta.

O senhor Francisco narrou-me a historia toda, em tom vagaroso, somnolento, e com todo o seu descanso. Depois, esbogalhou os olhos e, de subito, calou-se.

(*) O calado é o melhor.

— Mas como se viu livre, afinal, do mexicano? perguntei.

— Ora... privei-o da possibilidade de repetir brincadeira tão asnatica.

— Como se entende isso?

O senhor Francisco correu a mão por debaixo da barba; e o senhor faria o mesmo, pois não é assim?

— E depois?

Depois...

Volveu-me um olhar obliquo.

-- Saldádo o negocio, parti para a California. Succederam-me ainda outras aventuras, e tudo por causa d'aquella sucia maldita, accrescentou, apontando para uma mulher de certa edade, e modestamente vestida, que ia passando.

— Por causa de...

— Por causa das saias. Ai! mulheres, mulheres! Partem-nos as ázas — envenenam-nos o melhor do nosso sangue! E d'ahi, meu caro senhor, está me parecendo que começo a maçal-o. Eu não gosto de maçar seja a quem fôr, e muito menos áquelles de quem não preciso para coisa nenhuma

Ergueu-se, impertigando o corpo, dirigiu-me um ligeiro acêno de cabeça e partiu brandindo a bengala com ar decidido.

Confésso que não acreditei lá muito na tal historia mexicana. Fez até baixar o senhor Francisco no meu conceito, e occorreu-me outra vez a ideia de que me estava a desfructar. Mas com que fim? E' um original — um original, repeti. E comtudo, não podia tomal-o na conta de espião, a despeito da asserção do meu amigo Herzen. O que, porem, me causava extrema surpreza, éra que, de tantas pessoas que atravessavam pelo *Palais-Royal,* não houve uma unica que désse mostras de o conhecer. E' certo que mais de uma vez se me afigurou perceber que piscava o olho a algumas; mas era possivel ter havido engano da minha parte. Esquecia-me de dizer que o senhor Francisco nunca me cheirou a vinho. Não teria talvez dinheiro para o arranjar. Mas não, produziu-me sempre a impressão de que era homem sobrio. No dia immediato, nem nos que se lhe seguiram appareceu no nosso ponto de reunião, e, a pouco e pouco, fui deixando de pensar no senhor Francisco.

(Continúa) *Pin-Sél.*

SCIENCIA MODERNA

XXVI

UM NOVO ISOLADOR

Mais um novo isolador foi, ha pouco, imaginado pelo sr. Imschenetsky, um dos homens de sciencia mais considerados na Russia, o qual formou uma sociedade em S. Petersburgo no intuito de o explorar. Esta sociedade tem auferido enormes lucros, em curto espaço de tempo, pois que a sua fundação não data senão de ha 3 ou 4 mezes, o que denota incontestavelmente o apreço em que o novo producto é tido.

Denominou-se este novo isolador, *uralite.* A sua composição é a seguinte:

Para *um peso de* 166k,8, contem 33k,33 de *amiantho,* 0k,50 de *cré,* 66k,56 de *silicato de soda,* 6,66 de acido sulphurico concentrado a 50° Beaumé, 4k66 de argila, egual quantidade de minio e 0k,93 de negro de fumo. Os dois ultimos corpos citados desempenham o papel de corantes emquanto que o silicato constitue um ligador.

Da mistura de todos estes corpos, e nas proporções acima indicadas em relação ao peso de 166k,8, resulta um producto que gosa da propriedade de ser mais conductor da electricidade, do calor, e do som, tendo ainda a vantagem de resistir a enormes differenças de temperatura sem ser alterado na sua composição, e ser quasi que inatacavel pelos acidos mais energicos.

Tem tambem a propriedade metallica de ser extremamente ductil e malleavel, podendo com facilidade ser trabalhado no torno, o que na Russia já se tentou e com magnificos resultados, tendo-se já com a *uralite* fabricado cascos para os capacetes de bombeiros e varias outras munições de guerra, os quaes resultam tão perfeitos como que se fossem constituidos por qualquer outra materia. Esta applicação é tambem devida, além de todas as outras qualidades que acabamos de mencionar, a que a uralite tem a propriedade de oppôr uma enorme resistencia á penetração dos projecteis.

Não carecendo a composição d'este corpo, de grandes despezas, e dadas todas as vantagens que, da sua utilisação se podem tirar, porque não se

O Real Theatro de S. Carlos

REGINA PACINI

ALFREDO KEIL

experimentará a sua applicação, entre nós, no fabrico de munições de guerra, de que tão pobres estamos debaixo d'esse ponto de vista?

XXVII

SOBRE A LUMINOSIDADE

Antes de começarmos o que pretendemos dizer, é necessario indicar precisamente o que se entende por esta palavra.

Entende-se por *luminosidade*, a intensidade da luz diffusa.

Não confundamos. Queremos referirmo-nos, não á luz directa das radiações solares mas sim á luz diffusa.

Para o calculo do seu registo, conhece se já o photometro de selenio de Vidal o qual é imperfeito, pelo motivo de que este metal tem irregularidades bastante accentuadas nas impressões luminosas. Em tudo o mais o apparelho de Vidal poderia talvez satisfazer, visto que os movimentos oscillatorics do galvanometro facilmente se poderiam inscrever n'um cylindro girando, e d'esta forma, obter-se-hia o traçado da marcha da luminosidade, no emtanto, destruindo o selenio parte das impressões que regularmente se produziriam n'este cylindro girante, o apparelho deixaria de poder ser utilisado para o calculo da luminosidade, por deficiente.

Vejamos os meios de que os photographos se servem para conseguir esse fim, os quaes, digamol-o desde já, são de todos os melhores. O apparelho, por elles usado, mais frequentemente é o photometro de Vögel que passamos a descrever Uma caixa de 30 centimetros de comprimento e 7 de largo, é fechada por uma tampa na qual se encontram uma serie de orificios circulares e numerados desde 1 a 22. Cada um d'estes orificios achamse vedados por uma lamella de vidro á qual se colla uma pequena pellicula egualmente numerada, correspondendo estes numeros, aos dos orificios da tampa da caixa do photometro.

E' esta a parte principal do apparelho, porque da leitura dos numeros inscriptos na pellicula se poderá concluir o grau de luminosidade durante um dia, maximo do tempo para o qual as observações são validas. Podemos, no emtanto, saber, a diversas horas do dia, o grau de luminosidade e comparal-o com todas as outras intensidades coñhecidas, e obtidas egualmente por analyse no mesmo apparelho, e em egual dia. Para esse fim, Richard construiu um apparelho composto de dois cylindros concentricos, no qual, o externo, fixo, é porvido de uma ranhura lateral e fechado por um vidro, em tudo analogo ao da caixa do photometro e egualmente numerado, e o interno contem um systhema de relojoaria que lhe imprime movimento oscillatorio, existindo egualmente, n'este cylindro, uma folha de papel sensibilisada, de preferencia o papel *Marion* pela sua facilidade no manejo (porque, como se sabe, n'este papel, uma simples lavagem é sufficiente para a fixagem duratoria da imagem no mesmo) o qual, recebe a luz pela abertura do outro cylindro. A numeração dos vidros d'este cylindro é diversa da utilisada no photometro de Vögel e vae desde 1 a 12, numeros inscriptos nas pelliculas que egualmente se acham colladas sobre os vidros.

Sobre o papel photographico, estes numeros destacam-se em branco sobre fundo azul, o que facilmente permitte a sua leitura, dando nos egualmente a unidade de luminosidade. Distingamos, unidade de luz e unidade de luminosidade.

Entende se pela primeira, a fonte de luz produzida n'uma superficie de um centimetro quadrado de platina incandescente no momento da solidificação.

Unidade de luminosidade não vem a ser a mesma cousa. Para, com precisão, poder dar a sua definição, seria necessario, calcular o valor da luminosidade adoptando-se a primeira pellicula e em seguida, comparal-a com o valor da luminosidade, de todas as outras. D'esta forma, poder-se-hia formar uma ideia do que seja a unidade de *luminosidade*.

Para terminarmos. A composição das pelliculas, indicada por Braun-Clement, deve ser a seguinte:

Collodion 1 %, Aurina 1 gramma.

A quantidade de Collodion necessario para que a pellicula seja sempre egual será de 100 centimetros para um vidro de superficie 20 × 20.

De todos os apparelhos imaginados para o calculo da luminosidade é, como dissemos, este o que dá resultados mais vantajosos.

15-1-901.

Antonio A. O. Machado.

Recebemos e agradecemos:

Italian-Swiss Agricultural Colony — *California.* Em um elegante album de photogravuras impressas nas officinas de Dickman — Jones Cº — de S. Francisco, se descrevem e dão vistas dos vinhedos plantados por aquella colonia italico-suissa.

Os titulos dos capitulos do texto do album, que é escripto em inglez, são os seguintes: *History of wine, The grape vine in California — Italian Swiss Agricultural Colony — The Winery and Vault — The largest Wine tank in the world — Immence wine vats — A lake of rich, red wine* — etc., que sobremodo tornam interessante a obra.

A vinha foi plantada primeiramente na California por missionarios hespanhoes na primeira metade do seculo XIX. Desde então, reconhecido que o clima era propicio ao seu desenvolvimento, não se cessou de acclimar ali as mais variadas castas conhecidas e apreciadas.

Entre os grandes vinhedos e na sua exploração é justo distinguir a colonia agricola italico-suissa que para o total da producção contribue com um quinto d'ella ou sejam cerca de 2 milhões de gallões annuaes.

Das installações especiaes e dos vinhedos da colonia dão boa idéa as estampas, sendo notavel a immensa cisterna para deposito de vinho e que tem a capacidade de quinhentos mil gallões.